

A reprodução desse artigo na íntegra está proibida. Para referenciar trechos / partes, utilize TEZINI, Mariana Afonso Vaccari. PESTE EMOCIONAL E COMUNICAÇÃO NAS RELAÇÕES AFETIVAS.. Susana Z.; ALMEIDA, Fabiana A.R. **Revista Online**, Trabalhos em Psicologia Corporal Reichiana. Araraquara, 2019: Instituto Raiz, Clínica Escola de Psicologia Corporal. <https://institutoraiz.com.br/> Acesso em: _/_/_

MARIANA AFONSO VACCARI TEZINI



Peste Emocional e Comunicação nas Relações Afetivas

TEZINI, Mariana Afonso Vaccari

SCOTTON, Susana Zaniolo (orientação)

Resumo: Esse artigo traz uma integração entre o pensamento reichiano e o pensamento sistêmico ao olhar para os relacionamentos amorosos. Utilizando o conceito da peste emocional de Reich e do conceito de comunicação na abordagem sistêmica trago uma visão de como podemos nos comunicar de forma mais harmoniosa nas relações afetivas e aponto caminhos preventivos e educativos para que possamos ter relacionamentos mais saudáveis e potentes.

Palavras-chave: Peste Emocional; Comunicação; Casamento; Sexualidade; Pensamento Funcional; Pensamento Sistêmico; Wilhelm Reich.

Sentes-te infeliz e medíocre, repulsivo, impotente, sem vida, vazio. Não tens mulher e, se a tens, vais com ela para a cama só para provar que és “homem”. Nem sabes o que é o amor. Tens prisão de ventre e tomas laxantes. Cheiras mal e a tua pele é pegajosa, desagradável. Não sabes envolver o teu filho nos braços, de modo que o trataas como um cachorro em quem se pode bater à vontade. A tua vida vai andando sob o signo da impotência, no que pensas, no teu trabalho. A tua mulher abandona-te porque és incapaz de lhe dar amor. Sofres de fobias, nervosismo, palpitações. O teu pensamento dispersa-se em rumações sexuais. Falam-te de economia sexual. Algo que te entende e poderia ajudar-te. Que te permitiria viveres à noite a tua sexualidade e que te deixaria livre durante o dia para pensar e trabalhar. (REICH, 2007, p.18)

1. Introdução

Conheci o Instituto Raiz no ano de 2013. Já trazia na bagagem a especialização em Terapia Sistêmica – Família e Casal e cheguei interessada no referencial corporal Reichiano e em como poderia integrar meus conhecimentos para alinhar minha atuação na clínica.

Desde o início da especialização em Terapia de Família e Casal, eu me encantei e comecei a atender casais; os atendimentos clínicos individuais também faziam e fazem parte da minha atuação como psicóloga, porém o modo de encarar as pessoas e os casais passaram a ter o olhar Sistêmico. Após o nascimento dos meus filhos e passados alguns anos, eu senti que algo começou a fazer falta na minha atuação, eu já possuía um olhar atento e curioso para a questão corporal e foi quando decidi iniciar o curso de Terapia Corporal Reichiana.

Hoje, na minha prática profissional, tenho buscado a integração desses conhecimentos e principalmente no campo dos casais tem sido um desafio. Esse trabalho vem para trazer consistência e recursos para minha atuação na clínica.

Fazendo um panorama do cenário atual do casamento, ainda que em 2019 as mudanças sociais, culturais e econômicas estejam ocorrendo de forma rápida, o papel do casamento, e o papel da mulher e do homem na sociedade é ainda carregado da ideia que o patriarcado nos deixou, em que na sociedade os homens adultos detêm o poder primário e atuam de forma predominante em funções de liderança política, autoridade moral e privilégio social. No âmbito familiar, o pai ou a figura paterna ainda mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

Dados brasileiros da pesquisa do IBGE em 2015 mostram um aumento de mulheres como sendo chefes de família. Os dados indicam melhora nas relações de gênero, embora ainda existam desafios importantes a serem vencidos, como uma divisão mais justa dos afazeres domésticos, um importante fator para garantir igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, por exemplo.

No que se refere à vida psíquica, lidamos com expectativas e heranças de gerações passadas, que ainda hoje ecoam na expectativa de que o casamento seja uma realização amorosa, busca por estabilidade e a procriação ainda como função primordial.

Esse cenário mostra que as relações de casamento estão pautadas numa lógica de poder. Dentro de uma de uma lógica de poder, as pessoas se relacionam umas com as outras na base da competição. Na lógica da competição, as pessoas não levam em consideração as

necessidades umas das outras e, muitas vezes, nem levam em conta as próprias necessidades. Na visão de Reich, as relações autoritárias e impositivas são consideradas uma doença social, a qual ele chama de peste emocional.

Tendo em vista o conceito da peste emocional do Reich, o pensamento sistêmico e as observações dos meus atendimentos clínicos, surge o questionamento: como a peste emocional interfere numa comunicação harmoniosa e funcional nas relações afetivas? O que se faz necessário nas relações para que elas sejam funcionais? Para que haja uma escuta generosa e transparente? Para que possa haver comunicação sem reatividade ou comportamentos defensivos? Como a peste emocional se tornou hoje uma doença que afeta as relações sociais, familiares e afetivas?

2. Pensamento Reichiano e Sistêmico

A abordagem Sistêmica entende a família como um sistema formado por subsistemas, em que o comportamento de cada membro afeta e é afetado pelos demais, numa rede de interdependência. Na concepção da abordagem sistêmica, o ser humano é alguém que vive em constante interação com as pessoas e com o mundo, uma pessoa não vive sem influências familiares, culturais e sociais. Dentro de um sistema (grupo social), o que cada pessoa faz afeta a si mesma, ao grupo e a natureza (universo físico).

Isto se relaciona ao pensamento funcional de Reich, pensamento que amplia a visão, gera movimento e sai do paradigma do certo e errado, do mecanicismo, da causa e do efeito, das respostas prontas e do absolutismo. O pensamento funcional reichiano transcende a noção do absoluto e estático e considera funcionamento e processo. Assim como o pensamento sistêmico, o pensamento funcional reichiano não tem rigidez, não tem respostas prontas e aceita mudar de ideias, como a própria natureza que é inconstante, cíclica e impermanente.

Na construção de um diálogo entre as teorias, há paridade entre os saberes, pois assim como no pensamento sistêmico, para Reich, o observador humano é parte do processo de conhecimento. As duas formas de pensar nos trazem a sensação como instrumento de investigação da natureza, ou seja, não temos acesso ao mundo em si ou as coisas em si, mas sim ao que o mundo e as coisas nos provocam. Fazemos parte do processo sendo influenciados e influenciando.

2.2. O que é Peste Emocional

A peste emocional é uma doença social, que se revela nas relações interpessoais e é marcada pela reatividade, autoritarismo, agressões e métodos impositivos de controle, que interfere no casamento e em outras áreas da vida, como o trabalho. A causa da peste emocional, segundo Reich (1998), é a repressão em massa da sexualidade genital desde a infância.

“A sexualidade do caráter genital é determinada essencialmente pelas leis fundamentais da energia biológica. Ele é constituído de modo que sente prazer naturalmente com a felicidade sexual dos outros”. (1998, p 470). Sentir prazer com a felicidade do outro denota uma relação madura que dificilmente será acometida pela peste emocional.

Como a peste aparece basicamente na vida social, não há como trabalhar o indivíduo sozinho, temos que trabalhar o indivíduo em relação. Todas as relações têm aspectos destrutivos e construtivos caminhando juntos. Não existe um casal de caráter só genital o tempo todo. O casal mescla características de diferentes caracteres, mas a saúde é caminhar para o caráter genital, que é o adulto que se responsabiliza pelas consequências dos seus atos.

“A estase da energia sexual é o ponto comum entre a peste emocional e todas as outras biopatias (...) A natureza biopática básica da peste emocional revela-se pelo fato de que, como todas as outras biopatias, pode ser curada pelo estabelecimento da capacidade natural de amar” (REICH, 1998, p. 464)

Segundo Reich (1998), um indivíduo orgasticamente potente não se deixa acometido pela peste, para ele, a reação da peste emocional é comparada a um comportamento impotente e, por isso, pode ser curada, levando o sujeito em direção à sua potência orgástica. Potência orgástica é um conceito fundamental na obra de Reich e é a capacidade de entrega, de permitir que a vida flua por você e através de você. A peste emocional não permite a autoregulação orgânica e natural.

De acordo com Reich (1998), a sexualidade do indivíduo atingido pela peste emocional é sádica e pornográfica, ou seja, são perversões. Perversão significa a energia sair do corpo e caminhar por fora do corpo. A satisfação sexual perversa gera prazer sexual sem a função genital natural. “Esses ataques agudos de peste emocional são sempre provocados por

uma perturbação na vida amorosa e desaparecem depois de eliminada a perturbação” (Reich, 1998, p 462).

O modelo de relacionamento compulsório e formal é uma das expressões da peste, em que a sexualidade está em função de outras coisas que não o prazer amoroso, uma genitalidade (regulador biológico da vida) saudável. Assim como uma relação que não é cuidada também vira um campo fértil para a peste.

Segundo Reich, a saúde integral (saúde física, saúde sexual, saúde emocional e saúde mental) está relacionada a como lidamos com a nossa energia sexual de forma plena e sem rigidez, pois somente a boa satisfação sexual pode descarregar a libido de forma adequada e assim impedir a neurose.

2.3. O Que é Comunicação

Comunicar é estar em relação. É por meio da comunicação que um organismo opera mudanças no comportamento do outro. Comunicar-se aqui não tem o sentido de transmitir informação, mas de ouvir o que ouvimos segundo nossa própria constituição e possibilidades naquele momento. É um comportamento inerente a todo ser vivo. Por isso é impossível não comunicar (WATZLAWICK, 1967), pois todo comportamento é comunicação. A comunicação nos transforma e transforma o outro.

Para Maturana (apud CAPRA, 1997), comunicação envolve tudo que é humano inclusive o não linguístico como gestos, comportamentos, postura corporal, sons. Mais importante do que o conteúdo da comunicação é o “como” essa comunicação acontece.

A comunicação, de acordo com Maturana, não é uma transmissão de informações, mas, em vez disso, é uma coordenação de comportamento entre os organismos vivos por meio de um acoplamento estrutural mútuo. Essa coordenação mútua de comportamento é a característica-chave da comunicação para todos os organismos vivos, com ou sem sistemas nervosos, e se torna mais e mais sutil e elaborada em sistemas nervosos de complexidade crescente. (CAPRA, 1997, p. 210)

Nas relações aonde a comunicação flui de forma a aproximar-se do outro, levando em consideração suas diferenças e valorizando que na troca mora a transformação dos dois indivíduos, percebemos que há um terreno saudável em que dificilmente a peste emocional se instalará.

2.4. Comunicação e Peste

Reich fala que colocamos o poder antes do amor. Os relacionamentos são mediados ainda por relações de poder, afinal o casamento surgiu para salvaguardar a propriedade privada. Nossa sociedade também é carregada de muito moralismo, o que dificulta os casais de terem abertura para tratar o tema da sexualidade de forma aberta e honesta, de se comunicarem de forma empática, harmoniosa e generosa. Há um grande desajuste na vida sexual nos casais hoje devido a nossa educação, pois não fomos educados para acessar nossa sexualidade sem culpa e sem medo. As relações amorosas são muito permeadas pelo medo, muitos medos, principalmente o medo da liberdade. O medo da liberdade é uma expressão da peste emocional, porém o medo nasce e morre conosco, não trabalhamos para eliminar o medo, pois ele mantém o homem vivo, mas trabalhamos para ele circular pelo corpo.

Existem casamentos que têm uma forte marca de inveja, reatividade e competição. Na literatura reichiana essas manifestações numa relação são chamadas de peste emocional. Como vi num casal na clínica, em que a mulher que ganha financeiramente mais diminui o homem e este fica com a auto estima prejudicada, configurando a relação de poder e competição de quem ganha mais pode ter mais “voz” em casa e mandar mais. Nesse caso ia desde a escolha do que comer até a escolha da escola da filha.

Relações podem se tornar frágeis se estão atravessadas pelas deduções acerca do que o outro pode estar pensando ou planejando o que acaba criando frustrações, pois não investigo o outro em profundidade e clareza. Expectativas e idealizações ocorrem por causa de uma escuta ineficaz, ou ainda uma escuta que “prevê” o que o outro pensa antes de ouvir realmente. As projeções, são como confusões de identidade, o que é meu e o que é do outro? Não dizer o que precisa ser dito no momento em que precisa ser dito pode gerar fantasias e alimentar a raiva. A comunicação funcional entre um casal depende antes de cada indivíduo saber se representar de forma clara para si mesmo e para o outro (sem ruídos como a competição ou a raiva). Outro problema da comunicação entre casais é a postura defensiva que um ou outro adota como se fossem para uma guerra, ganhar ou perder. Certa vez, na clínica, um casal travou um debate durante a sessão, eles me olhavam buscando uma juíza, buscando ali saber quem estava certo e quem estava errado, a discussão se arrastou por longos

minutos numa escalada de tom de voz e agressões verbais, quando o homem viu que eu não daria uma sentença, ficou irritado e saiu do consultório batendo a porta. Ele não conseguiu sustentar o campo da escuta funcional.

Acreditar que não adianta conversar, pois “não vai dar em nada mesmo”, entre outras são crenças que carregamos e acabam se cristalizando dentro de uma relação, tornando a comunicação ambivalente e confusa. Ironia e sarcasmo dificilmente resultam numa comunicação aberta e assertiva, o que quase sempre acaba gerando frustração.

Quando a peste se aproxima, o melhor é o casal se afastar e retomar um tratamento mais formal. Cada casal vai descobrindo seu ritmo para viver em harmonia. É nas relações (todos os tipos de relações) em que encontramos os desafios para nos lapidar e nos transformar. Na vida de casal devemos preservar o máximo da identidade e individualidade de cada um. Esse empenho auxilia a não emaranhar no jogo de culpas e dependências.

Numa relação saudável, as pessoas vão em direção à vida e ao seu autoconhecimento (capacidade de responder apropriadamente a uma situação); quando a relação se torna doente as pessoas lutam contra outros modos de vida, como se isso ameaçasse o seu. Para que tenhamos uma relação amorosa madura, é necessário antes assumir a responsabilidade pelo próprio amadurecimento e autoconhecimento, assim como assumir plena responsabilidade sobre seu comportamento e seus efeitos no outro. Atendi um casal com dificuldades para engravidar, que ficou por anos entre tentativas e tratamentos, investiu muito tempo e dinheiro nisso e deixou sua vida pessoal de lado, pois a única meta era conquistar a gestação. Deixaram, obviamente, de ter encontros amorosos satisfatórios assim como deixaram de lado o cuidado consigo mesmos. Cada mês a mais que a gravidez não vinha eles se tornavam mais obstinados com ela, a vida perdeu o movimento e o casal deixou de lado a diversão e o tempo para si mesmos e com amigos e família; tornando-os um casal cujo único objetivo era buscar a culpa e a causa daquela gravidez não chegar, deixando-os enfraquecidos e cansados, o que se tornou um ciclo vicioso, pois assim o encontro do óvulo e do espermatozoide tinha cada vez menos força e vitalidade. A dificuldade para engravidar é também um dos efeitos da repressão sexual.

Quantas vezes nos esquecemos das próprias necessidades, acreditando ser esse um gesto de doação? Então, um acaba colocando sempre no outro a culpa do seu próprio mal ou ainda do mal da relação. A agressividade fica ali permeando a relação em diversos níveis, pode ser agressividade explícita ou uma agressividade “disfarçada”, na forma de egoísmo,

manipulação, controle, competição, inveja, atitudes destrutivas, intolerância e autoritarismo. Como percebi num casal de pacientes que não transam há um ano e alguns meses, eles brigam e se xingam (inclusive na presença do filho pequeno), o homem investe sua energia no trabalho de 12 horas por dia e a mulher direciona sua energia em consumir, “gastando” de certa forma sádica os “recursos” do marido. Consumir produtos de forma exagerada sem ter a necessidade deles acaba sendo uma forma simbólica de obter prazer e felicidade, mascarando o que não consegue se resolver na relação sexual.

Projetos de vida a dois necessitam que as pessoas estejam dispostas a ceder, porém não deve ser um ceder que venha acompanhado de cobranças ou rancor, deve ser levando em conta que cada relação tem sua potência e investimento confortável para cada um. Por exemplo, atendi um casal há alguns anos em que ambos eram professores universitários da mesma área. Eles estavam prestando concurso em diversos estados e acabaram passando os dois em cidades diferentes, ele para um cargo de menor possibilidades futuras e ela um cargo de titular, ou seja, de maior estabilidade. Saíram da cidade da família de origem e se mudaram para a cidade aonde a mulher havia passado. Após alguns anos e o nascimento do filho, o homem entrou numa crise, pois ainda não tinha conseguido um bom trabalho e começou a agredir indiretamente a mulher por conta de terem escolhido ficar na cidade em que ela passou, uma cidade que, segundo ele, não trazia muitas possibilidades profissionais para si. Ele, então, tornou-se emburrado e reclamando da sua falta de dinheiro, utilizava com raiva o dinheiro da família (que vinha dela) e consumia supérfluos de forma individualista, demonstrando de forma infantil seu ódio por ter “aceitado” a mudança.

psicologia - clínica e escola

2.5. Casamento e Sexualidade

Na visão sistêmica, se relacionar com uma pessoa é se relacionar com o sistema familiar dela. Segundo a abordagem sistêmica, as relações carregam a carga de uma herança transgeracional, que acaba afetando as interações atuais de forma às vezes visível e, noutras vezes, de forma oculta. São passados de geração para geração alguns costumes, modelos, padrões de comportamento, crenças e rituais. Assim, muitas situações e desafios enfrentados por cada indivíduo dentro da relação têm origem em valores familiares anteriores.

Reich (s.d.) traz a ideia de que casamentos são realizados por razões morais, políticas, religiosas. Casamento não foi feito para amor nem para felicidade, mas para garantir o patrimônio e a continuidade do sistema patriarcal. Para Reich a família tradicional tem a origem na propriedade privada e na dependência econômica da mulher. É ainda para ele, o centro de formação ideológica dos indivíduos.

Ao se casar, os parceiros carregam consigo as influências diretas e indiretas de suas famílias de origem, assim como as histórias familiares e a cultura em que essa família está inserida. E nesse meio social em que crescemos, constituímos também nossas referências sobre o que é um relacionamento conjugal. O ser humano é um ser biológico, psicológico e social, qualquer experiência corporal que temos tem também uma representação psíquica e vice-versa.

A força e a potência residem nos encontros, nas trocas com as pessoas, pois somos seres relacionais e somente a satisfação sexual plena torna as pessoas felizes em seu amor, pessoas que, vivendo juntas, se cuidam, essa seria uma função e definição ideal de família.

2.5.1. O desenvolvimento psicosssexual e sexualidade atual nos casamentos

O desenvolvimento psicosssexual nasceu na psicanálise de Freud e foi apropriada por Reich. A sexualidade tem importante função no desenvolvimento fisiológico dos organismos, em que, segundo Wagner (2003), o caminho percorrido pela libido faz parte do desenvolvimento fisiológico do organismo e o ponto de chegada do desenvolvimento psicosssexual é a genitalidade. Lembrando que a noção de sexualidade não é somente relacionada aos órgãos genitais, mas as funções de descarga dos genitais assim como o conceito de potência orgástica e energia libidinal.

O conceito de potência orgástica, como abordado anteriormente, é, segundo Wagner (2003), “a capacidade de descarga completa da excitação bioenergética” e ela pode ser plena (real) ou parcial (fantasiosa). Para Gaiarsa (1981), a potência orgástica jamais será qualidade de alguém, mas sempre a qualidade de uma relação.

Como o desenvolvimento psicosssexual irá interferir na sexualidade atual? Vamos então, olhar com mais atenção para a sexualidade dentro dos casamentos. De acordo com Reich (s.d.), o casamento saudável deve ser guiado pela satisfação sexual dos indivíduos e

para que isso ocorra precisamos estar sem pensar, julgar ou criticar, precisamos deixar a rigidez de lado.

Uma relação sexual satisfatória entre duas pessoas pressupõe que elas tenham procedido a uma harmonização dos seus ritmos sexuais próprios, que tenham aprendido a conhecer as suas necessidades sexuais específicas, raramente conscientes, mas nem por isso menos importantes. Só assim será possível uma vida sexual sã. Casar sem precedente conhecimento sexual é, do ponto de vista da higiene mental, pouco sã e na maioria dos casos de resultado desastroso. (REICH, s.d., p 9)

Então, notamos que o desejo sexual mantém um casamento, um encontro real entre duas pessoas, enquanto o vínculo econômico e a tendência do ser humano ao comodismo mantém um casamento formal, protocolar, gerando um casamento infeliz e terreno fértil para a peste emocional.

É preciso manter o desejo sexual bem cuidado para que na rotina não fiquem perdidos os olhares silenciosos, os sorrisos de cumplicidade, a vontade da entrega e a admiração pelo outro. O risco desse descuido pode ser uma relação em que o casal vira amigo, irmão. O “tesão” necessita de encontro e mistério; viver como irmãos não alimenta o desejo na relação. Por exemplo, como um casal em minha clínica, que, após anos vivendo juntos, porém sem encontro amoroso de fato, começaram a frequentar casas de swing e, logo depois, o homem teve um caso com uma travesti. Na vivência deles não existia lugar para o desejo, eles trabalhavam juntos, viviam longe de suas famílias e amigos, pareciam-se até fisicamente, enfim, estavam vivendo como irmãos, sem espaços para a individualidade e curiosidade entre eles, então foram buscar fora as experiências arriscadas para criar algum tipo de emoção. Sem me alongar na análise desse caso aqui, retomo a consideração sobre perversão de Reich (1998), em que a energia sexual passa por fora do corpo gerando o prazer sexual sem a função genital natural.

3. Conclusão

Fui acusado de ser um utopista, de querer eliminar do mundo a insatisfação e salvaguardar apenas o prazer. Entretanto pus e preto no branco ao afirmar que a educação convencional torna as pessoas incapazes para o prazer — encorajando-as contra o desprazer. O prazer e a alegria da vida são

inconcebíveis sem luta, sem experiências dolorosas e desagradáveis auto-avaliações. A saúde psíquica se caracteriza não pela teoria do Nirvana dos iogues e budistas, nem pelo hedonismo dos epicuristas ou pela renúncia do monasticismo; caracteriza-se pela alternância entre a luta desagradável e a felicidade, entre o erro e a verdade, entre a derivação e a volta ao rumo, entre o ódio racional e o amor racional; em suma, pelo fato de se estar plenamente vivo em todas as situações da vida. (REICH, 1975, p 103).

A partir do que foi dito podemos pensar o que a peste emocional e sua relação com a comunicação trouxe para a minha prática clínica e como estou hoje pensando o casamento.

É necessária uma educação favorável à sexualidade. A psicoterapia corporal pode ter forte uma inserção na área social, além do trabalho terapêutico, ela também exerce uma função educativa e preventiva em saúde.

O desejo muitas vezes está na cabeça e não no corpo, temos que levar os pacientes a esse caminho para o corpo. Para trabalhar essa desconexão com o mundo visceral do sentir, é importante fazermos trabalhos corporais, levar a pessoa de volta à consciência corporal, unindo o trabalho reichiano ao trabalho sistêmico. Considero importante o olhar para as crianças nesse cenário. Olhar para a autoeducação e a educação dos nossos filhos, para não reproduzirmos padrões de repressão.

Reich (1975) descreve que os adultos têm a vida sexual desestruturada por conta de uma educação sexual com muitas falhas e punições, e que a solução está, além do tratamento clínico atual, na educação natural e afirmativa, que busca o prazer livre de culpas.

Analisando esses conceitos sobre o casamento somados aos atendimentos de casais na clínica, observei que quanto mais o casal não se conhece e não se trabalha individualmente, mais fértil se torna o terreno para a peste emocional. Para lidar com a peste, preciso trabalhar com o casal o retorno da auto responsabilização e resgatar a união e o amor. Assim como é importante um olhar crítico para as heranças familiares que atuam através de nós.

É preciso trabalhar sempre a vida sexual do casal como um pano de fundo de todos os seus problemas, visando a regularização da potência orgástica. Estamos atrás de compreender a história e seus processos e não de buscar soluções rápidas para os problemas. O casamento é uma associação que deve ser renovada, se eu nunca me “separo” a relação morre, tem que haver os desencontros para haver os encontros.

O caráter neurótico, por exemplo, está sempre olhando para o próprio umbigo; nesse caráter existe uma confusão relacional, não tem pulsação acontecendo. Talvez aqui o desejo

ainda seja de reparação de frustrações infantis. O caráter genital é quando a pessoa se sente um ponto integrado ao universo, isso é liberdade. É quando a oscilação da energia biológica pulsa entre trabalho e sexualidade e a energia pode circular com espontaneidade pelo organismo. Mas um casal nunca será só genital, ele terá encontros mais genitais, cabe a psicoterapia corporal levá-los a ter encontros mais potentes.

Raiz
psicologia - clínica e escola

4. Referências Bibliográficas

- CAPRA, F. *A Teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*, São Paulo: Cultrix, 1997.
- GAIARSA, J. A. *Sexo, Reich e Eu* - São Paulo: Editora Àgora, 1981.
- INSTITUTO RAIZ. Sobre o Pensamento Funcional de Wilhelm Reich – revisão. Curso Metodologia online, Plataforma de Ensino a distância, 2016.
- REICH, W. *A função do Orgasmo: problemas econômico-sexuais da energia biológica* 9ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975.
- REICH, W. *Revolução Sexual* 8ªed. – Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- REICH, W. *Psicologia de Massas do Fascismo* - São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- REICH, W. *Análise do Caráter* 3ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- REICH, W. *Escute, Zé Ninguém* 2ªed. - São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- REICH, W. & ALZON, C. *Casamento indissolúvel ou relação sexual duradoura?* - São Paulo: Martins Fontes, s.d.
- WAGNER, C M. W. *A transferência na clínica reichiana* - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- WATZLAWICK P.; BEAVIN, J.H. & JACKSON, D. J. *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.

psicologia - clínica e escola